

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 36 Matosinhos na partilha de experiências de educação na Europa

1

Comenius – Uma aventura na Alemanha

Orquídea Gomes ()*

Tudo começou dia 5 de maio de 2010, através do PROALV. Concretamente, só parti a 22 de abril de 2012, mas a sorte estava lançada, quando muito antes a Lourdes Hora, coordenadora de departamento de Matemática e Ciências experimentais da escola Básica de Leça da Palmeira, à qual aliás pertença, me convidou para ir assistir a um workshop da Rosalina Moura do Cfae da Maia-Trofa. Pela primeira vez, tive conhecimento da existência de programas tipo ERASMUS, mas para aprendizagem ao longo da vida, isto é, para «gente crescida» e, de entre eles, o que mais me interessou foi o Programa Transversal. Comecei a pensar: “quem sabe posso concorrer e até ser selecionada”. Seria de arriscar!

Com a quantidade de informação que tinha recebido, acompanhada de sites, iniciei a pesquisa online. Era um mundo!!! Um mundo em poucas línguas: inglês, alemão e algumas coisas em francês e espanhol. Até aqui tudo bem, eu até me desembaraço em inglês.

Assim, fui conhecer melhor o programa transversal: era um programa de visitas de estudo temáticas para profissionais ligados a vários ramos do ensino e não só, composto por grupos de 16 pessoas, no máximo, de vários países da Europa, escolhidos através de candidatura e mediante as quotas de cada país. E quantos temas tinham...desde a formação inicial e contínua, passando pelas necessidades especiais ou pelas áreas específicas de cada disciplina ou, ainda, pelas questões ligadas à gestão escolar. Era um sem fim de escolhas. No entanto, tudo estava muito bem organizado num catálogo¹, que também estava escrito em português, com cerca de trezentas visitas. “E agora, tenho de ler isto tudo?” – pensei eu, já um pouco desesperada. Então, reparei que, no lado esquerdo de cada visita, existia algo fantástico: palavras-chave, o que conjugado com o motor de busca interno² do Cedefop, era tudo o que necessitava para fazer a seleção das visitas de estudo que me interessavam e preencher o respetivo formulário³.

¹ http://www.cedefop.europa.eu/EN/Files/4110_en.pdf

² http://studyvisits.cedefop.europa.eu/list/default.asp?cmd=11&per_id=45&m=1

³ <http://pt-europa.proalv.pt/public/PortalRender.aspx?PageID={4aad9783-889b-49d0-be1d-5543a4addf03}>

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 36 Matosinhos na partilha de experiências de educação na Europa

2

Com tudo pronto, submeti online, imprimir e enviei, dentro do prazo previsto, para a agência nacional PROALV, a qual é extremamente funcional e disponível, no que diz respeito a questões que se prendam com esclarecimentos, ajudas técnicas, entre outras.

Um dia, como muitos outros, abro a caixa de correio e lá está: uma carta da PROALV. Fiquei desassossegada. Atabalhoadamente, abri a carta e fiquei siderada: a minha candidatura tinha sido rejeitada! Comentei com a minha filha que resolveu ler a carta com mais atenção. Muito espantada diz-me: “Mãe, a tua candidatura foi rejeitada, porque não assinaste o formulário.” Não podia ser! Resolvo então candidatar-me novamente. Só teria de esperar pela abertura da nova ronda de visitas de estudo. Assim foi e desta vez, as coisas correram bem, sendo selecionada para uma visita de estudo a Heppenheim⁴, a 40 km de Frankfurt, subordinada ao tema da formação inicial de professores.

Contactei a agência nacional e informaram-me que receberia uma bolsa (80% do atribuído) com a qual teria, por exemplo, de adquirir os bilhetes de avião, providenciar o alojamento e os transferes do e para o aeroporto. Pois...mas o não ter assinado a minha primeira candidatura não seria a primeira das minhas muitas peripécias. No formulário da segunda candidatura, fiz uma coisa impensável: no mail de contacto, coloquei um endereço que era metade de uma caixa e metade de outra. Resultado: não recebia nenhuma informação dos organizadores. Já com a viagem de avião paga, mas sem alojamento, um dia às 8 horas da manhã, pronta para ir trabalhar, recebo uma chamada telefónica, em casa: “Hello? Mrs. Gomes? This is Helmut Hartmann. Are you coming?”. Claro que eu vou, até já tenho bilhete de avião, só não tenho onde dormir, comer, como ir do aeroporto para Heppenheim, mas eu vou. Forneci o meu mail direito e comecei a receber todas as informações necessárias. A visita estava muita bem organizada, em termos logísticos: havia uma pousada de referência para todos os participantes, informações sobre os transferes, horários dos comboios, ...

E assim chegou o dia 22 de abril de 2012. Dia da partida. Apanhei o avião, de manhã, para Frankfurt, porque tinha de chegar a Heppenheim até às 18h, hora prevista para o início do convívio, seguido de jantar rústico. Em Frankfurt, dirigi-me para a estação de comboios, que só fica no outro extremo do terminal, no maior aeroporto da Europa.

⁴ Projeto SUPPORT INITIAL AND TEACHERS, TRAINERS AND EDUCATION AND TRAINING INSTITUTION'S MANAGERS cofinanciado no âmbito do PROALV, que decorreu em Heppenheim, Alemanha, de 23 a 27 de abril de 2012

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 36 Matosinhos na partilha de experiências de educação na Europa

3

E comecei a caminhar, a caminhar... (como eu caminhei), quase meia hora. Por fim, cheguei à estação de comboios. Tinha de comprar o bilhete numa máquina.

Com a minha pontaria habitual, das dez máquinas existentes, escolhi a única que não tinha inglês disponível. Se o aeroporto de Frankfurt é o maior da Europa, a estação de comboios que lhe dá apoio haveria de ter muitos passageiros. O que comprovei num instante, pois a fila atrás de mim cresceu rapidamente, começando as pessoas a ficar impacientes perante a minha destreza em lidar com a língua alemã (que é nenhuma). Pedi ajuda ao indivíduo que me precedia. Para além de ter sido destrutada em alemão (tenho a certeza disso, apesar de não ter percebido uma palavra do chorrilho que ele me dirigiu), fiquei na mesma, sem saber o que fazer. Como dizem os alunos, tentei fazer-me de esperta e comprei um bilhete de «olhómetro». Fui para a estação, mas para a errada. Solicitei, novamente, ajuda, desta vez a um funcionário que ao explicar-me o engano e esclarecendo-me sobre a forma de ir para o sítio certo, olha para a minha bagagem, verifica a hora do comboio e diz: “it’s best if you rush or else...”. Pronto, lá fui eu a correr (e o que eu corri), mas apanhei o comboio certo. Chegada a Heppenheim, conheci outra participante, a Annelie (sueca), com quem partilhei um táxi até à pousada. Aí conhecemos o restante grupo: um belga, três ingleses, uma guadalupina (apesar de Guadalupe ficar nas Caraíbas, pertence à França), um croata, uma húngara, um turco, uma espanhola, dois italianos, uma romena e três alemães da organização.

Assim, foi o início de uma das semanas mais cansativas que já tive, mas também interessante, diferente e surpreendente. Todos os dias, ao final da tarde, recebíamos instruções sobre como iria decorrer o dia seguinte: horários (os alemães são pontualíssimos), visitas a escolas, assistência de aulas (uma turma com alunos cuja média de idades rondava os 16 anos, falaram em inglês, a pedido da professora, para melhor entendimento dos convidados europeus; outra turma, numa aula de educação musical, resolveu tocar e cantar para nós, alterando a planificação prevista; ...), participação em seminários de estágio e workshops, visita à escola pedagógica e à universidade ligada aos estágios de professores, com assistência de reuniões de estagiários, interação nos seminários pedagógicos, palestras e até um concerto dado pelos professores estagiários de música. Levantávamo-nos às 6h locais, tomávamos o pequeno-almoço e lá íamos. No final de cada dia, por volta das 19h, reuníamos para fazer o daily report. De seguida, íamos jantar juntos, partilhar as experiências que cada grupo tinha vivido nesse dia (para uma melhor orgânica, os grupos estavam divididos em 3/4 professores. Esses grupos não eram, contudo, fixos e deste modo, interagimos com todos os participantes).

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 36 Matosinhos na partilha de experiências de educação na Europa

4

No último dia, realizamos o final report. Este era independente do relatório final que cada candidato teria de enviar à sua agência nacional, num prazo de 30 dias, após o término da visita (para além de ser uma obrigação, de acordo com o contrato financeiro assinado por cada participante, seria também a forma de receber os restantes 20% da bolsa atribuída).

Apesar de um horário muito rígido e cheio de trabalho, tivemos também direito a momentos de lazer: visitamos a famosa cidade universitária de Heidelberg, conhecemos o castelo, a universidade, jantamos numa das cervejarias mais famosas que era uma antiga casa de um conde; fomos a Darmstadt onde andamos pela zona histórica; almoçamos na universidade; fizemos prova de vinhos e de cerveja; provamos alimentos diferentes ou confeccionados de uma outra maneira e tantas outras coisas mais.

Foi uma verdadeira aventura até ao fim, pois até quando cheguei a Portugal, a minha mala resolveu não voltar comigo. No entanto, na minha memória, ficará para sempre como uma semana fantástica, principalmente pelo companheirismo, inesperada, árdua pelos horários e pelo ritmo de trabalho imposto, mas muito compensadora. Candidatem-se. Vale muito a pena. É uma experiência inesquecível e enriquecedora, que espero repetir.

() Docente do quadro do Agrupamento de Escolas de Leça da Palmeira e Stª Cruz do Bispo.*